

# Mário de Sá-Carneiro – Como eu não Possuo

Olho em volta de mim. Todos possuem –  
Um afecto, um sorriso ou um abraço.  
Só para mim as ânsias se diluem  
E não possuo mesmo quando enlaço.

Roça por mim, em longe, a teoria  
Dos espasmos golfados ruivamente;  
São êxtases da côr que eu fremiria,  
Mas a minh'alma pára e não os sente!

Quero sentir. Não sei... perco-me todo...  
Não posso afeiçoar-me nem ser eu:  
Falta-me egoísmo pra ascender ao céu,  
Falta-me unção pra me afundar no lôdo.

Não sou amigo de ninguém. Pra o ser  
Forçoso me era antes possuir  
Quem eu estimasse – ou homem ou mulher,  
E eu não logro nunca possuir!...

Castrado de alma e sem saber fixar-me,  
Tarde a tarde na minha dor me afundo...  
Serei um emigrado doutro mundo  
Que nem na minha dor posso encontrar-me?...

\* \* \* \* \*

Como eu desejo a que ali vai na rua,  
Tão ágil, tão agreste, tão de amor...  
Como eu quisera emmaranhá-la nua,  
Bebê-la em espasmos d'harmonia e côr!...

Desejo errado... Se a tivera um dia,  
Toda sem véus, a carne estilizada

Sob o meu corpo arfando transbordada,  
Nem mesmo assim – ó ânsia! – eu a teria...

Eu vibraria só agonizante  
Sobre o seu corpo de êxtases dourados,  
Se fôsse aquêles seios transtornados,  
Se fôsse aquêle sexo aglutinante...

De embate ao meu amor todo me ruo,  
E vejo-me em destrôço até vencendo:  
É que eu teria só, sentindo e sendo  
Aquilo que estrebucho e não possuo.

**Mário de Sá-Carneiro, Dispersão**